



Os desafios da agenda de minerais estratégicos para o Brasil



Diálogo: a chave para avanços

Minerais críticos são uma janela de oportunidade escancarada em meio à realização da COP30, avaliam debatedores

» ROSANA HESSEL
» RAFAELA GONÇALVES
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

A exploração dos minerais estratégicos e críticos pode ser uma alavanca para o desenvolvimento do país, uma vez que há abundância no subsolo nacional, no entanto, o diálogo entre as instituições do setor ainda é precário, e é preciso ampliar o debate e buscar abordagem mais complexa. As oportunidades são expressivas nesse cenário de avanço da agenda global de transição energética. Estimativas para a demanda global dessas commodities pode chegar a US\$ 1 trilhão até 2030, de acordo com especialistas.

Ontem, no primeiro painel do evento CB Talks: Os desafios da agenda de minerais estratégicos para o Brasil, a diretora do Instituto Escolhas, Larissa Rodrigues, lembrou que a área de mineração — que tem imagem “muito negativa” perante a sociedade — enfrenta desafios de encontrar um equilíbrio entre “desenvolver projetos importantes à economia e ter contenção dos impactos ambientais e sociais”. “No Brasil, partimos de um histórico muito negativo e um legado ambiental e social muito ruim no setor de mineração, o que precisa ser falado e não pode ser ignorado. A discussão de vários assuntos atrelados à responsabilidade é importante para construir o setor passo a passo olhando para o futuro, em uma base sólida de responsabilidade”, afirmou ela, no evento realizado pelo **Correio Braziliense**, com apoio do Instituto Escolhas.

Apesar dos desafios que o setor minerador ainda precisa enfrentar, a diretora do Escolhas se disse otimista. “Há espaço para diálogo (entre a universidade e o mercado de minério), além disso, a gente precisa desse diálogo”, disse. Para a especialista, é crucial ter essas discussões porque, embora haja um consenso sobre a importância da responsabilidade, existe um descolamento entre o discurso e a prática. “O debate é, portanto, não apenas importante, mas essencial para que o setor mineral brasileiro possa construir um futuro mais responsável, seguro e estratégico, superando seu passado e respondendo às demandas globais e nacionais”, adicionou.

Responsabilidade

Rodrigues reforçou que é necessário o alinhamento entre a exploração mineral e a responsabilidade socioambiental. “Ao lado da discussão dos investimentos, ao lado da discussão dos preços dos minerais, as responsabilidades ambiental e social estão sempre lá e devem ser discutidas. Esse é um tema central no mundo e aqui no Brasil também”, orientou. Ela destacou que as universidades, os centros de pesquisa e as empresas possuem um papel importante no desafio de otimizar o setor mineral, pois são responsáveis pela “produção de conhecimento, qualificação” e pela formação das pessoas que atuam no setor.

“A melhor forma de tratar o tema é ‘encarar de frente’, reconhecendo os problemas existentes e buscando resolvê-los”, declarou a

Ed Alves CB/DA Press



Participantes do CB Talks debatem mineração: especialistas defendem marco regulatório abrangente, que responda aos desafios do setor

Ed Alves CB/DA Press



A melhor forma de tratar o tema é 'encarar de frente', reconhecendo os problemas existentes e buscando resolvê-los"

Larissa Rodrigues, diretora do Instituto Escolhas

pesquisadora. “Em um ambiente de conflito e falta de confiança, é difícil resolver os problemas, e a discussão se torna improdutiva, levando a uma insegurança ambiental, social, de investimento e jurídica”, reforçou.

Na visão de Larissa Rodrigues, discutir instrumentos específicos para trazer mais segurança e responsabilidade ao setor é algo urgente e, nesse sentido, um exemplo para a abordagem são as garantias financeiras para recuperar áreas degradadas e evitar minas abandonadas. Segundo ela, ações como essa têm uma regulação em países como Estados

Unidos, Canadá, África do Sul, Chile e Peru, há décadas. Mas, no Brasil, ainda gera debate.

Janela de oportunidade

Ricardo Sennes, diretor-executivo da Prospectiva Public Affairs Lat.Am, ressaltou que o Brasil tem uma grande janela de oportunidade para avançar na exploração desse mercado potencial que está sendo criado em torno da forte demanda por minerais estratégicos e críticos. “Nós estamos falando quase de um pré-sal, um outro pré-sal”, disse.

O executivo defendeu que a

geral. “Esse não é um tema só do setor de mineração. Mineração é um dos pólos. Na verdade, isso tem a ver com a sociedade em geral, porque tem o debate sobre a questão ambiental, da transição energética, etc. Mas também tem uma cadeia de valor que a gente está colocando para dentro”, afirmou o executivo que comparou essa janela de oportunidade da transição energética voltada para os minerais estratégicos como o

Ed Alves CB/DA Press



Qualquer setor que está funcionando de maneira dinâmica e equilibrada, de maneira positiva, tem que ter um marco regulatório sólido"

Ricardo Sennes, diretor-executivo da Prospectiva Public Affairs Lat.Am

exploração depende de um tripé, com regulação previsível, viabilidade econômica e diplomacia.

“Qualquer setor está funcionando de maneira dinâmica e equilibrada, de maneira positiva, tem que ter um marco regulatório sólido”, destacou.

Sobre a questão da viabilidade econômica, o diretor afirmou que a questão vai além da necessidade de crédito, ao destacar a carteira que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) tem destinada para infraestrutura. Segundo ele, é preciso trazer a ponta dessa inovação para a questão dos

Ed Alves/CB/D.A Press



O mundo estará olhando para a Amazônia. Os minerais críticos da transição energética serão centrais nas discussões climáticas"

Fernando Azevedo, o vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram)

minerais críticos.

“Não basta só olhar para o BNDES e falar que precisamos de crédito. Não é só crédito. Às vezes é mais garantia do que crédito. Às vezes é um investimento mais focado num tema crítico de inovação, do que necessariamente crédito”, disse.

Em relação aos desafios envolvendo a geopolítica, Sennes destacou que a negociação de minerais estratégicos passa por questões sensíveis e tem componentes diferenciados no mercado internacional. “Não é só a questão da transição energética, nós estamos falando de toda a cadeia

de eletrônicos, de toda computação de alta velocidade, estamos falando de toda rede de comunicação. Inteligência artificial depende disso, estamos falando de uma indústria sensível. A indústria bélica tem muito a ver com isso também”, mencionou.

O executivo ainda lembrou que o tema engloba uma “uma diplomacia estratégica que não é comum”. “Não vamos vender e conseguir nos inserir nesse mercado de mineral crítico como a gente se insere talvez no mercado de commodities, agrícola, por exemplo. Vai ter que ter acordo de fornecimento, de transmissão, de cooperação tecnológica. São questões que têm muito conflito e a gente vai ter que saber navegar neste conflito.”

Acelerando a agenda

Durante o debate, Fernando Azevedo, o vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), reforçou que minerais estratégicos são fundamentais para acelerar o desenvolvimento da agenda da transição energética, com impacto na economia.

Ao apresentar que praticamente todos os elementos da tabela periódica estão no subsolo nacional, ele destacou que o Brasil tem potencial de liderar essa agenda mundial, especialmente porque 14 dos 17 minerais estratégicos e críticos que são utilizados para o armazenamento de energia são encontrados no solo brasileiro.

“Nós temos um potencial para liderar globalmente isso. Oportunidade geopolítica e econômica. E temos que tomar cuidado no risco de dependência tecnológica. A tecnologia para isso é muito importante”, afirmou.

Plano nacional

Na avaliação de Azevedo, oportunidades e desafios estão claros, como fortalecer a pesquisa, atrair investimento e equilibrar a exploração, a conservação e a soberania. E, nesse sentido, o Plano Nacional de Mineração (PNM) para 2025 está sendo elaborado pelo governo, é um dos incentivos para o desenvolvimento do setor, que precisa avançar no mercado regulatório.

O vice-presidente do Ibram ressaltou que a COP 30, que será realizada no Brasil, representa uma janela geopolítica estratégica para o país. “O mundo estará olhando para a Amazônia. Os minerais críticos da transição energética serão centrais nas discussões climáticas”, afirmou. Segundo ele, o instituto vem promovendo diálogos entre o setor público e o privado, e também pretende atuar como uma ponte entre o setor mineral e os compromissos climáticos globais. “A nossa proposta é posicionar o setor como parte da solução climática, e não do problema”, disse.

Fernando Azevedo ainda reforçou que o minério é importante não apenas para a segurança energética. “A gente tem segurança energética, segurança alimentar e segurança mineral. A segurança alimentar passa pelo minério”, frisou Azevedo.

Para Ibram, país pode liderar um mercado promissor

O vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), Fernando Azevedo, reforça a importância do setor, pois os minérios estão presentes em tudo, inclusive nos fertilizantes utilizados nas lavouras. “Sem minério não há segurança energética e não há segurança alimentar”, afirmou, ontem, durante sua participação CB Talks.

Para Azevedo, a transição energética é, acima de tudo, uma transição mineral. “Os minerais

críticos e estratégicos são a ponte entre a ambição climática e a realidade tecnológica. Eles terminam quem liderará a economia verde do futuro e quem depende dela”, afirmou.

Ricardo Sennes, diretor-executivo da Prospectiva Public Affairs Lat.Am, reforçou que é importante chamar as empresas e o setor produtivo para fazerem parte desse debate de forma mais aprofundada, envolvendo a cadeia produtiva de forma

geral. “Esse não é um tema só do setor de mineração. Mineração é um dos pólos. Na verdade, isso tem a ver com a sociedade em geral, porque tem o debate sobre a questão ambiental, da transição energética, etc. Mas também tem uma cadeia de valor que a gente está colocando para dentro”, afirmou o executivo que comparou essa janela de oportunidade da transição energética voltada para os minerais estratégicos como o

“novo pré-sal” para o Brasil. “O país ganha se esse debate estiver na mesa dos grandes da cadeia produtiva e os fornecedores. E me parece que o Brasil tem espaço”, complementou.

“novo pré-sal” para o Brasil. “O país ganha se esse debate estiver na mesa dos grandes da cadeia produtiva e os fornecedores. E me parece que o Brasil tem espaço”, complementou.

Peso no PIB

De acordo com dados do Ibram, o setor de mineração é responsável por 4% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e tem um importante

papel na pauta de exportações do país. Azevedo destacou que o Brasil tem 93 tipos de minérios e responde por uma arrecadação de R\$ 93,4 bilhões para os cofres públicos, sendo R\$ 7,4 bilhões para a Compensação Financeira para a Extração Mineral (Cfem).

Conforme os números apresentados pelo Ibram, o segmento ainda gera 221 mil empregos diretos e mais de 2,4 milhões de empregos indiretos.

As exportações de minérios giram em torno de US\$ 43,4 bilhões por ano, o que corresponde a 47% do saldo da balança comercial, lembrou Azevedo.

Ele destacou ainda que a previsão de investimentos do setor mineral para o período de 2025 a 2029 é de US\$ 68,4 bilhões, o que significa um aumento de 6,6% em relação à previsão do ano anterior, de 64,5 bilhões para o período de 2024 a 2028. **(RH e RG)**